



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

LAURA COIMBRA MACHADO CIBULSKA VALENTE

**ÁLBUM DE FAMÍLIA:
REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DE WINNICOTT**

Brasília
2014

LAURA COIMBRA MACHADO CIBULSKA VALENTE

**ÁLBUM DE FAMÍLIA:
REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DE WINNICOTT**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Profa. Dra. Lívia Milhomem Januário

Brasília
2014

LAURA COIMBRA MACHADO CIBULSKA VALENTE

**ÁLBUM DE FAMÍLIA:
REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DE WINNICOTT**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UnICEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria
Psicanalítica.

Orientador: Profa. Dra. Livia Milhomem
Januário

Brasília, 12 de novembro de 2014.

Banca Examinadora

Dra. Livia Milhomem Januário

Ma. Amanda de Oliveira Mota

Dr. Gilson Ciarallo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por Sua infinita misericórdia, por cuidar de cada detalhe da minha vida e por me permitir concluir mais esta etapa.

Agradeço à minha família. Se não fosse por eles, trabalhar com famílias seria um peso, não um prazer. Aos meus pais, pelo apoio às minhas decisões, pelo suporte, cuidado e paciência. Pelos sacrifícios que ainda fazem por mim e, principalmente, por fazerem tudo com tanto amor, sempre. Ao meu irmão por estar sempre presente, mesmo tão distante. Sem vocês nenhuma vitória seria completa.

Ao Felipe, pelo amor, pelo carinho, pelo respeito e por entender as minhas ausências durante todo o curso. Obrigada por sempre me fazer querer ir mais longe, por me fazer acreditar e por nunca me deixar desistir.

Agradeço à Prof^a. Lívia Milhomem por ter me apresentado a teoria de Winnicott com tanto prazer e simplicidade. Muito do meu interesse por essas ideias se deve à sua forma de ensinar. Obrigada também pela orientação: por tornar simples um caminho que parecia ser tão árduo.

Agradeço aos professores que, durante todo esse curso, me ajudaram a compreender melhor as muitas faces da psicanálise. E agradeço aos meus colegas de turma por tornarem as noites de terça e quinta mais leves e divertidas.

“Sei que nossos familiares são muitas vezes um estorvo, e que não raro gememos sob o peso de nossas relações com eles, peso esse que pode dobrar-nos até a morte. Mas eles são importantes para nós. Basta observar os problemas que acometem homens e mulheres privados de relações familiares para perceber que a ausência de familiares de quem possamos reclamar, a quem possamos amar, odiar ou temer constitui uma deficiência terrível, podendo levar a uma tendência a desconfiar até dos vizinhos mais inofensivos.” (Winnicott, 1958)

RESUMO

O presente estudo se propõe a analisar o filme *Álbum de Família* (2013) a partir da teoria de Winnicott. Com este estudo, objetiva-se compreender como determinadas características psíquicas podem estar relacionadas com o desenvolvimento emocional, mostrar como a relação do casal pode interferir nas diferenças na criação de cada filho, observar as consequências de um lar não suficientemente bom para a estruturação dos filhos e, por fim, reconhecer a importância do ambiente familiar no desenvolvimento psicológico do sujeito. Para alcançar estes objetivos, foi feita uma revisão bibliográfica das contribuições que Winnicott faz em relação à família. Foi feita também uma análise aprofundada do filme *Álbum de Família* e das falas dos personagens, para poder relacionar a história apresentada com as teorias de Winnicott. No primeiro capítulo, é apresentada a teoria de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo do indivíduo e suas reflexões e relações no que se refere à família e à constituição psíquica do sujeito. No segundo capítulo, são apresentadas as cenas mais relevantes do filme *Álbum de Família* (2013). E no terceiro capítulo, é feita uma relação entre o filme apresentado e as teorias de Winnicott. Como considerações finais, é possível pensar que por conta da traição que permeia a história, o papel de mãe suficientemente boa pode ter ficado comprometido, gerando assim algumas complicações na estruturação da personalidade das filhas, personagens apresentadas no filme. Espera-se demonstrar com este estudo, a importância de uma família bem estruturada e saudável para o desenvolvimento de crianças com potencial para se tornarem adultos maduros, criativos e saudáveis.

Palavras-chave: Família. *Álbum de Família*. Winnicott. Constituição Psíquica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E FAMÍLIA EM WINNICOTT	11
2 ÁLBUM DE FAMÍLIA	19
3 REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DE WINNICOTT	33
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Não há nada de novo em afirmar que a família é uma estrutura essencial no desenvolvimento psicológico do sujeito e na formação da personalidade. Contudo, Winnicott acrescentou muito à compreensão da influência familiar e sua relação com a constituição psíquica e com o sofrimento psíquico do indivíduo. Em suas palavras:

Como psicanalista, estudando detalhadamente o desenvolvimento emocional, aprendi que cabe a cada indivíduo empreender a longa jornada que leva do estado de indistinção com a mãe ao estado de ser um indivíduo separado, relacionado à mãe, e ao pai e à mãe enquanto conjunto. Daí o caminho segue pelo território conhecido como família, que tem no pai e na mãe suas principais características estruturais. A família tem seu próprio crescimento, e a pequena criança experimenta mudanças que advêm da gradual expansão e das tribulações familiares. A família protege a criança do mundo; e o mundo, aos poucos, vai se introduzindo [...]. Essa introdução gradual do ambiente externo é a melhor maneira de levar uma criança a entrar em bons termos com o mundo mais vasto, e segue de modo exato o padrão pelo qual a mãe apresenta à criança a realidade externa. (WINNICOTT, 1958c/2013, p.59)

José Outeiral, ao introduzir um livro de Winnicott diz que “Winnicott nos convida a ‘brincar’ com seu pensamento, ou seja, criar durante a leitura um ‘espaço transacional’ que permita viver a experiência com tudo o que ela possibilita.” (WINNICOTT, 1963/1983, p.10) Dessa forma, o presente estudo se propõe a analisar o filme *Álbum de Família* sob a perspectiva do pensamento de Winnicott a respeito do desenvolvimento emocional.

A área de interesse deste estudo é a psicanálise, mais especificamente o estudo teórico do conceito de família na obra de Donald Winnicott. Com este estudo, objetiva-se compreender como determinadas características psíquicas podem estar relacionadas com o desenvolvimento emocional, mostrar como a relação do casal pode interferir nas diferenças na criação de cada filho, observar as consequências de um lar não suficientemente bom para a estruturação dos filhos e, por fim,

reconhecer a importância do ambiente familiar no desenvolvimento psicológico do sujeito.

Para alcançar estes objetivos, foi feita uma revisão bibliográfica das contribuições que Winnicott faz em relação ao tema em questão: a família. Foi feita também uma análise aprofundada do filme *Álbum de Família* e das falas dos personagens, para poder relacionar a história apresentada com as teorias de Winnicott.

O presente trabalho foi então estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada a teoria de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo do indivíduo e suas reflexões e relações no que se refere à família e à constituição psíquica do sujeito. Para a elaboração deste capítulo, foi tomado como base o livro de Winnicott intitulado *A Família e o Desenvolvimento Individual* (2013).

No segundo capítulo, são apresentadas as cenas mais relevantes do filme *Álbum de Família* (2013), dirigido por John Wells, com roteiro adaptado por Tracy Letts da peça de teatro de sua própria autoria. O filme apresenta uma família que precisou se reencontrar por conta do desaparecimento do pai. Nos poucos dias que se seguem, os relacionamentos se apresentam de maneira confusa, permeados por segredos, conflitos e mágoas.

No terceiro capítulo, é feita uma relação entre o filme apresentado e as teorias de Winnicott. Winnicott trabalha com um ambiente próximo ao ideal para o desenvolvimento das potencialidades da criança, que pode ser chamado de 'ambiente suficientemente bom'. Porém, nem sempre esse ambiente suficientemente bom é possível. O filme mostra uma família onde algumas condições necessárias para este ambiente não foram atingidas.

Como considerações finais, é possível pensar que por conta da traição que permeia a história, o papel de mãe suficientemente boa pode ter ficado comprometido, o que gerou algumas complicações na estruturação da personalidade de cada uma das filhas. É o ambiente circundante que torna possível o crescimento de cada criança; sem uma confiabilidade ambiental mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar, ou desenrola-se com distorções. (WINNICOTT, 1962/2013)

Espera-se demonstrar com este estudo, a importância de uma família bem estruturada e saudável para o desenvolvimento de crianças com potencial para se tornarem adultos maduros, criativos e saudáveis.

Com o intuito de contextualizar este trabalho, relato um pouco de meu percurso até o momento de escrever esta monografia. Nos últimos semestres do curso de psicologia, comecei os estudos com a Terapia Familiar Sistêmica. Achei extremamente interessante a dinâmica de uma família dentro do consultório e a maneira como as relações influenciam as atitudes do sujeito. Depois de formada, trabalhando com famílias, senti a necessidade de uma teoria que estudasse mais profundamente o sujeito, por perceber que nem só de relacionamentos é formado um indivíduo. Busquei na psicanálise esta ajuda, porém, durante grande parte do curso de Pós Graduação, senti o oposto do que sentia no consultório: tive a impressão de que a psicanálise estuda apenas o sujeito, descartando suas relações com o ambiente. No último semestre do curso de psicanálise, fui apresentada à teoria de Winnicott, que finalmente uniu os dois pontos de vista: a importância do 'interno' e do 'externo' na constituição do sujeito. Este trabalho, portanto, tem grande importância na minha trajetória profissional, por me permitir um estudo aprofundado

na teoria de Winnicott sobre o desenvolvimento do indivíduo e a importância da família neste desenvolvimento.

1 CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E FAMÍLIA EM WINNICOTT

D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista, trouxe importantes contribuições para a psicanálise contemporânea. Ao longo de toda a sua obra, Winnicott enfatizou a influência do ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano. O estudo dessa influência o levou a ampliar o campo de reflexão e de aplicação da psicanálise. Ele passou do estudo dos conflitos intrapsíquicos, para o estudo dos conflitos interpessoais (NASIO, 1994). Winnicott certamente se interessava pelo mundo interno, mas optou por observar o modo como o ambiente propicia ou inibe o desenvolvimento emocional da criança (JANUÁRIO, 2012).

Na primeira parte do seu livro *A Família e o Desenvolvimento Individual* (2013), Winnicott trata do amadurecimento em cada fase da vida e dos fatores que são importantes nesse processo. Para ele, maturidade é sinônimo de saúde, e o que se espera de qualquer pessoa, independentemente da idade, é que ela atinja a maturidade que é característica da fase em que está vivendo. O que interessa, então, é o grau de adaptação das condições ambientais às necessidades do indivíduo, para que ele possa amadurecer.

Seria possível o indivíduo atingir a maturidade emocional fora do contexto familiar? Para chegar a essa resposta, se faz necessário compreender a importância da família em cada fase do desenvolvimento.

Winnicott afirma que a evolução emocional da criança tem início no começo de sua vida. “Se quisermos julgar a maneira como um ser humano trata com os seus semelhantes, e ver como edifica sua personalidade e vida, não nos poderemos dar ao luxo de deixar de fora o que sucede nos primeiros anos, meses, semanas e mesmo dias de sua vida.” (WINNICOTT, 1982, p.116)

A partir do momento do nascimento, todas as experiências são importantes para o bebê. Por conta disso, se faz necessário que, na **primeiríssima infância** a mãe possa entrar no estágio de preocupação materna primária e tenha uma atitude de devoção em relação a seu filho, identificando-se com ele, para que possa adaptar-se às suas necessidades.

O estado de dependência em relação ao ambiente físico e emocional da criança é tal que estas primeiras tarefas não podem ser realizadas na ausência de um apoio materno suficientemente bom.

Gostaria de dar a este estado especial da mãe um nome especial porque acho que a sua importância não tem sido apreciada. As mães se recuperam desse estado e se esquecem. Eu denomino isso 'preocupação materna primária'. Este não é necessariamente um bom nome, mas o certo é que ao chegar ao fim da gravidez e nas primeiras semanas depois do nascimento de uma criança a mãe está preocupada com (ou melhor, devotada ao) o cuidado de seu nenê, que de início parece ser parte dela mesma; além disso ela está muito identificada com o nenê e sabe muito bem como é que o nenê está se sentindo. Para isso ela usa suas próprias experiências como bebê. Deste modo a própria mãe está em um estado dependente, e vulnerável. É para descrever este estágio que uso as palavras '*dependência absoluta*' ao me referir ao estágio do bebê. (WINNICOTT, 1963/1983, p.81)

Nesse período, as necessidades do bebê são de ordem corporal, mas há também necessidades ligadas ao desenvolvimento psíquico. A adaptação da mãe a essas necessidades concretiza-se através do emprego de três funções maternas: apresentação do objeto, holding e manejo.

A apresentação do objeto é a função de apresentar o seio, ou a mamadeira. Quando isso acontece, o bebê está pronto para imaginá-lo, e portanto, encontra-lo. Durante este período, a mãe age de maneira a estar disponível diante de uma excitação potencial do bebê, permite que ele adquira a capacidade de assumir relações estimulantes com as coisas ou com as pessoas. (NASIO, 1994)

A função do holding corresponde à sustentação. Winnicott enfatiza o modo de segurar a criança, a princípio fisicamente, mas também psiquicamente. "A

sustentação psíquica consiste em coloca-lo em contato com uma realidade externa simplificada, repetitiva, que permita ao eu nascente encontrar pontos de referência simples e estáveis, necessários para que ele leve a cabo seu trabalho de integração.” (NASIO, 1994, p.185)

A terceira função, o manejo, é a manipulação do bebê enquanto ele é cuidado. Essa função é necessária para o bem estar físico do bebê, que aos poucos completa sua personalização: a união entre sua vida psíquica e seu corpo. (NASIO, 1994)

O bebê encontra-se num estado de dependência absoluta de sua mãe e engaja-se nessas tarefas preliminares essenciais no seu processo de constituição psíquica: a integração unitária da personalidade, a conformação da psique ao corpo e o estabelecimento dos primeiros contatos com a realidade externa.

A adaptação aos processos de amadurecimento da criança é algo extremamente complexo, que traz tremendas exigências aos pais, sendo que inicialmente a mãe é o ambiente favorável. É importante notar que, a mãe neste estado de devoção, se torna uma pessoa muito vulnerável. Ela necessita de apoio por esta época, que pode ser dado pelo pai da criança, por sua mãe, pela família e pelo ambiente social imediato.

A grande mudança que se testemunha no primeiro ano de vida refere-se à aquisição de independência. A independência é algo que se realiza a partir da dependência. A recompensa nesse estágio de dependência relativa é que o lactente começa, de certo modo, a se tornar consciente dessa dependência. Com um ano de idade, a criança já é capaz de manter viva a ideia da mãe e também do tipo de cuidado que se acostumou a receber; chegando assim, na **primeira infância**.

Durante o primeiro ano de vida as experiências instintivas são as portadoras da crescente capacidade que a criança tem de relacionar-se com objetos, capacidade essa que culmina num relacionamento amoroso entre duas pessoas inteiras, mãe e filho. Nesse estágio a criança encontra-se envolvida apenas com a mãe e ela começa a prover uma desadaptação gradativa. Isso está muito bem orientado para o rápido desenvolvimento que o bebê revela (WINNICOTT, 1963/1983).

Para Winnicott, a família da criança é a única entidade que pode dar continuidade à tarefa da mãe (e do pai) de atender às necessidades do indivíduo. Tais necessidades incluem tanto a dependência, como o caminho do indivíduo em direção à independência. É preciso fazer face às necessidades mutantes da criança que está crescendo, não apenas no sentido de satisfazer a impulsos instintivos, mas também de estar presente para receber as contribuições que são características essenciais da vida humana.

O estágio seguinte, que é aquele em que o bebê começa a sentir necessidade da mãe. Agora, então, seu crescimento toma a forma de intercambio contínuo entre a realidade interna e a externa, cada uma sendo enriquecida pela outra. Para Winnicott (1963/1983, p.86), “a criança não é apenas uma criadora potencial do mundo, mas se torna capaz também de povoar esse mundo com exemplos de sua vida interna própria.”

Tendo boa saúde, a criança terá atingido a plena capacidade de viver o sonho ou o jogo adulto, com os instintos apropriados e as ansiedades e conflitos resultantes destes, chegando assim na **primeira maturidade**. Essa capacidade só pode ser adquirida dentro de um contexto familiar relativamente estável. Nesse período, que vai dos dois aos cinco anos de idade, vive-se uma quantidade

imensa de vida, quando a criança torna-se uma pessoa inteira vivendo em meio a outras pessoas inteiras, amando e odiando, sonhando e brincando.

Se as crianças precisam de um bom lar saudável com que se identifiquem, também necessitam profundamente de um lar estável e de um ambiente emocional estável em que possam ter a oportunidade de realizar firmes e naturais progressos, no devido tempo, no decorrer das fases do desenvolvimento. (WINNICOTT, 1982)

Quando se fala de um contexto familiar relativamente estável, os pais que conseguem manter o lar unido estão, na verdade, prestando a seus filhos um serviço de inestimável importância. A segurança que o lar proporciona é essencial nessa fase de desenvolvimento. As crianças veem na segurança uma espécie de desafio, que as convida a provar que podem ser livres, e dão sinal certo de sua boa saúde quando começam a ser capazes de desfrutar da liberdade que cada vez mais lhes é conferida. É necessário que se edifique, no interior de cada criança, a crença em algo que não seja apenas bom, mas seja também confiável e duradouro, ou capaz de recuperar-se depois de se ter machucado ou mesmo perecido. (WINNICOTT, 1962/2013)

Quando chega perto dos cinco ou seis anos, a criança ingressa num período denominado **período de latência**. Nesse período, ela encontra-se por certo tempo relativamente livre do crescimento emocional e da mudança instintiva. Agora, a criança se torna gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e todas as suas complexidades, por ver aí, cada vez mais, o que já está presente dentro de si própria. (WINNICOTT, 1957/2013)

Nessa fase, a criança apresenta certas características que incitam as pessoas a seu redor a tomar todos os cuidados para não abalar a confiabilidade de

seu ambiente. Pode-se dizer que ela vai saindo de um cercado. Esse cercado era proporcionado pelos pais da criança, pela família, pela casa e pelo quintal, pelas paisagens e cheiros costumeiros. De início a mãe adaptava-se de modo sensível às necessidades de seu filho, e foi aos poucos desadaptando-se de acordo com o grau em que a criança começava a gostar de defrontar-se com o novo e o inesperado. (WINNICOTT, 1958b/2013) O cuidado materno transforma-se num cuidado oferecido por ambos os pais, que juntos assumem a responsabilidade por seu bebê e pela relação entre todos os filhos. O cuidado proporcionado pelos pais, isto é, pelo primeiro núcleo familiar, evolui para a família como um todo e esta palavra começa a ter o seu significado ampliado e passa a incluir os avós, primos e outros indivíduos que adquirem status de parentes devido à sua grande proximidade ou a seu significado especial.

É importante entender que a saída do cercado é a um só tempo estimulante e amedrontadora; que, uma vez do lado de fora, é doloroso para a criança perceber que não pode retornar; e que a vida é uma longa sequência de saídas de cercados, riscos e desafios novos e estimulantes. Ao sair deste cercado, a criança está pronta para vivenciar um novo grupo, um novo cercamento, ao menos durante algumas horas a cada dia. Em outras palavras, a criança está pronta para ir à escola, onde começa o processo de socialização. Nesse sentido, se desenvolve uma verdadeira independência, com a criança se tornando capaz de viver uma existência pessoal que é satisfatória, ainda que envolvida com as coisas da sociedade. (WINNICOTT, 1958b/2013)

A **adolescência** é caracterizada pelas expectativas da sociedade em relação ao indivíduo, de quem não se espera que já tenha atingido um grau pleno de socialização. O adolescente manifesta uma mescla de independência rebelde e de dependência. Desse modo, a adolescência propõe um paradoxo. Nota-se que cada um desses dois extremos toma como certo o controle por parte dos adultos; assim, os grupos de adolescentes devem, de algum modo, e em certa medida, ser providos de uma retaguarda dos adultos. (WINNICOTT, 1957/2013)

A adolescência é tratada como um problema, mas muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam das más condições ambientais. Este fato enfatiza a vital importância do ambiente e da família para aquela imensa maioria de adolescentes que de fato chega à maturidade adulta. (WINNICOTT, 1960/2013)

Cada adolescente está na verdade vivendo um processo ao cabo do qual se tornará um **adulto maduro** consciente e integrado na sociedade.

Deve-se esperar que os adultos continuem o processo de crescer e amadurecer, uma vez que eles raramente atingem a maturidade completa. Mas uma vez que eles tenham encontrado um lugar na sociedade através do trabalho, e tenham talvez se casado ou se estabelecido em algum padrão que seja uma conciliação entre imitar os pais e desafiadoramente estabelecer uma identidade pessoal, uma vez que esses desenvolvimentos tenham lugar pode-se dizer que se iniciou a vida adulta, e que os indivíduos estão, um a um, saindo dessa área coberta por esta breve conceituação do crescimento que foi descrito em termos da dependência e a independência. (WINNICOTT, 1963/1983, p.87)

Cabe a cada indivíduo empreender a longa jornada que leva do estado de indistinção com a mãe ao estado de ser um indivíduo separado, relacionado ao pai e à mãe. Daí o caminho segue pelo território conhecido como família, que tem no pai e na mãe suas principais características estruturais. A família tem seu próprio crescimento, e a criança experimenta mudanças que vêm da gradual expansão e das tribulações familiares. A família protege a criança do mundo; este, porém, aos poucos vai se introduzindo: as tias e tios, os vizinhos, os primeiros grupinhos de crianças, e por fim a escola. Essa introdução gradual do ambiente externo é a melhor maneira de levar uma criança a entrar em contato com o mundo mais vasto. (WINNICOTT, 1958c/2013)

Quando é aceita como correta a identificação entre saúde e maturidade relativa, deve-se ter como certo que o indivíduo só possa atingir sua maturidade emocional num contexto em que a família proporcione um caminho de

transição entre o cuidado dos pais e a vida social. E deve-se ter presente que a vida social é em muitos aspectos uma extensão das funções da família.

Assim, a família contribui de dois modos para a maturidade emocional do indivíduo: de um lado dá-lhe a oportunidade de voltar a ser dependente a qualquer momento; de outro, permite-lhe trocar os pais pela família mais ampla, sair desta em direção ao círculo social imediato e abandonar esta unidade por outras ainda maiores. Esses círculos cada vez mais amplos, que a certa altura tornam-se os agrupamentos políticos, religiosos e sociais da sociedade, são o produto final de um processo que se inicia com o cuidado materno e se prolonga na família. A família parece ser a estrutura especialmente programada para dar continuidade à dependência inconsciente da criança em relação ao pai e à mãe de fato. (WINNICOTT, 1958d/2013, p. 83)

2 ALBUM DE FAMÍLIA

Este capítulo traz a história do filme *Álbum de Família* (2013), dirigido por John Wells, com roteiro adaptado por Tracy Letts da peça de teatro de sua própria autoria, afim de que no terceiro capítulo seja possível traçar as relações com a teoria de Winnicott discutida no capítulo um.

Beverly é professor, escreve poemas e bebe. Violet, sua esposa e mãe de suas três filhas, tem um câncer na boca e toma pílulas (às vezes muitas). Eles são casados há mais de cinquenta anos e, de acordo com Beverly, ‘beber e tomar pílulas’ recebeu até um pequeno parágrafo em seu contrato de casamento. Nunca implicaram com isso, nunca reclamaram um do outro. Nunca em relação às pílulas ou ao álcool.

Um dia, sem maiores motivos ou explicações, Beverly sai pela porta da cozinha, sem dizer uma palavra, e nunca mais volta. Violet fica com Johnna, a índia que Beverly contratou para limpar e fazer comida, poucos dias antes de desaparecer. Seu desaparecimento faz a família se reunir em sua procura: as três filhas voltam pra casa e uma série de conflitos emergem nos dias que se seguem.

Barbara é a filha mais velha, saiu de casa quando se casou com Bill. Hoje vivem com Jean, sua filha adolescente, no Colorado. Ivy é a filha do meio e a única que ainda mora em Oklahoma, perto dos pais. Karen, a mais nova, mora em Miami, e está noiva do seu terceiro marido.

Ivy é quem dá a notícia do desaparecimento dos pais às irmãs, como é descrito no diálogo abaixo:

VIOLET: O que você disse à Barb?
IVY: Conteí que papai desapareceu.
VIOLET: O que ela disse?

IVY: Que está a caminho.

VIOLET: Maldito é o seu pai por me fazer passar por isso. Viu o que ele fez aqui? Ele contratou essa índia por alguma maldita razão e agora tem uma estranha morando na minha casa! Como é o nome dela?

IVY: Johnna

VIOLET: Eu não posso lidar com isso sozinha.

IVY: Eu liguei pra Karen.

VIOLET: Ah. Sim. E o que ela disse?

IVY: Que tentaria vir aqui.

(Violet ri)

VIOLET: Ela vai ser “aquela” grande ajuda, assim como você. Bom... eu preciso da Barb.

IVY: E o que a Barb seria capaz de fazer a respeito?

(Violet toma mais uma pílula.)

IVY: Você está com medo?

VIOLET: É óbvio que eu estou com medo! Você é o meu conforto, querida. Graças a Deus uma das minhas meninas ficou perto de casa. Na minha época, a família ficava junto.

Ivy, por morar perto, participa mais da vida dos pais. Ela não se casou e sua mãe a cobra por isso constantemente. Ela fica quieta diante das investidas de Violet, que diz que ela deveria se maquiar e se arrumar para conseguir encontrar um homem decente. Ivy apenas responde o que é necessário, escondendo que mantém um relacionamento com seu primo (Pequeno) Charles.

Para Violet, os pais têm filhos preferidos, e deixa claro que a sua preferida é a ‘Barb’, apesar do relacionamento extremamente confuso entre as duas. Sua cobrança em relação a Barbara é que ela sempre se importou mais com o pai, de quem também era a filha preferida. Barbara é quem assume toda a família quando está por perto e a única que tem coragem de enfrentar a mãe.

Logo depois que Barbara chega em casa, ela e Bill começam a questionar os detalhes do desaparecimento de Bev. Barbara e Violet começam uma discussão:

BARBARA: Você está chapada?

VIOLET: Como é?

BARBARA: Estou sendo literal! Você está tomando alguma coisa?

VIOLET: Relaxante muscular.

BARBARA: Me escuta: eu não vou passar por isso de novo!

VIOLET: Eu não sei do que você está falando.

BARBARA: Dessas pílulas! Das ligações às 3h da manhã sobre pessoas no quintal, a polícia e todo o resto!

VIOLET: Pare de gritar! Isso não é a mesma coisa. Eu não tinha motivo daquela vez!

BARBARA: Então tudo bem ficar viciada agora porque você tem um motivo?!

VIOLET: Eu não estou viciada em nada.

BARBARA: Não quero saber se está ou não. Só estou dizendo que não vou passar por isso de novo!

VIOLET: Eu não estou viciada! Estou com dor!

BARBARA: Na boca?

VIOLET: Sim. Minha boca queima! Tenho câncer na boca. E ele queima! Olha! E agora o Beverly desapareceu e você está gritando comigo!

BARBARA: Eu não estou gritando.

VIOLET: Você não pôde vir pra casa quando descobri o câncer. Foi só o Beverly desaparecer e você veio correndo.

BARBARA: Sinto muito. Eu sinto muito.

Barbara foi casada com Bill por vinte e três anos, e agora estão separados por ele tê-la traído com uma estudante. Apesar disso, quando souberam do sumiço de Beverly, Barbara, Bill e Jean foram juntos para a casa de Violet. A família não sabe da separação e eles agem como se ainda estivessem casados. O relacionamento dos dois fica cada vez mais complicado e eles têm duras discussões durante esses dias longe de casa.

BILL: Você não combate lealmente.

BARBARA: Eu vi aonde isso me levou. Cresça! Enquanto você tinge o cabelo e passa pela quinta puberdade o mundo desmorona e sua filha não pode lidar com isso.

BILL: Ela só está tentando lidar com o hospício pra onde você a arrastou.

BARBARA: Esse hospício é a minha casa!

BILL: Pense no que acabou de dizer.

BARBARA: Jean está aqui comigo porque é um evento familiar.

BILL: Jean está aqui com você porque ela é um escudo entre você e a insanidade da sua mãe!

BARBARA: Você teria mais credibilidade se tivesse alguma credibilidade. Você é um alvo fácil.

BILL: Você é tão hipócrita!

BARBARA: Você certamente sabia, quando começou a transar com a ninfeta, que não estaria livre de observações hipócritas. Isso é só uma amostra da minha indignação.

BILL: Talvez eu tenha me separado por causa disso!

BARBARA: Essa é a sua justificativa. Quando você finalmente se livra de tudo?

BILL: Você é atenciosa, Barbara, mas não é aberta. Você é apaixonada, mas é opressiva. Você é boa, decente, engraçada, maravilhosa e eu te amo, mas você é um pé no saco!

Jean parece indiferente a tudo e a todos. Ela fuma cigarro e maconha com frequência, o que parece ser aprovado por Bill e criticado por Barbara. Jean e o pai são bem próximos, mas seu relacionamento com a mãe é muito difícil e seus

diálogos são repletos de agressividade, assim como na relação entre Barbara e Violet. São poucas as vezes em que as duas trocam algumas palavras e quando Barbara tenta ser carinhosa com a filha, o diálogo se dá da seguinte forma:

BARBARA: Graças a Deus não podemos saber o futuro. Nunca sairíamos da cama. Escute aqui: Morra depois de mim, ok? Não me importo com o que você vai fazer, aonde vai, como vai estragar a sua vida, apenas... sobreviva. Por favor.
JEAN: Ok.

Seis dias depois do desaparecimento de Beverly, o xerife da cidade aparece com a notícia no meio da noite: Beverly havia se afogado no lago. Violet, que está drogada, reage de forma confusa à notícia da morte do marido. Barbara, Bill e Ivy fazem o reconhecimento do corpo e funeral então é marcado. Karen é informada da morte do pai e vai ao encontro da família, com seu noivo atual.

Depois do funeral, toda a família se reúne para jantar, inclusive Mattie Fae, a irmã caçula de Violet, seu marido Charlie e seu filho, o pequeno Charles, que não chegou a tempo do funeral. Mattie Fae também tem um relacionamento complicado com o filho. Ela o humilha frequentemente, enquanto o pai o defende.

PEQUENO CHARLIE: Sinto muito, pai.
CHARLIE: Não precisa se desculpar.
PEQUENO CHARLIE: Sei que mamãe está brava comigo.
CHARLIE: Não se preocupe com ela.
PEQUENO CHARLIE: O que ela disse?
CHARLIE: Sua mãe? Deixa ela falar.
PEQUENO CHARLIE: Eu programei o alarme.
CHARLIE: Eu sei que programou!
PEQUENO CHARLIE: Eu amava o tio Bev. Você sabe disso.
CHARLIE: Pare de se desculpar!
PEQUENO CHARLIE: Eu perdi o funeral dele!
CHARLIE: É só uma cerimônia. É um cerimonial. Não significa nada em comparação com o que você tem no coração. Ei, espere. Penteie o cabelo.
PEQUENO CHARLIE: Tio Bev deve estar desapontado comigo.
CHARLIE: Seu tio Bev tem coisas mais importantes pela frente. Ele não tem tempo para rancor. Ele não era esse tipo de homem.
(Pequeno Charlie chora)
PEQUENO CHARLIE: Eu sei como as coisas são. Sei o que eles pensam de mim. Em uma ocasião assim, você tem que estar lá para apoiar. Desculpe tê-lo decepcionado.
CHARLIE: Você não me decepcionou. Você nunca me decepçiona. Agora ouça: Você está errado sobre essas pessoas! Elas te amam! Eles te amam! Alguns deles não tiveram a chance de ver o que eu vejo. Um bom homem. Muito amoroso. Com muito a oferecer.

PEQUENO CHARLIE: Eu amo você, pai.
CHARLIE: Eu também te amo, filho.

O jantar então começa, e o diálogo que se segue a ele é extremamente rico e útil para entender como se dão os relacionamentos nessa família. Violet chega à mesa pronta para atacar a cada um dos membros da família.

VIOLET: Vejo que os cavalheiros tiraram os paletós. Pensei que fosse um jantar de funeral. Não uma briga de galos.
(Todos se levantam e silenciosamente, vestem o paletó)
(A família comenta a respeito da leitura que Bill fez dos poemas de Beverly no funeral)
STEVE: Eu não entendo muito de poesia, mas achei os poemas dele extraordinários. E a leitura foi excelente.
VIOLET: Quem é você?
KAREN: Esse é o meu noivo, Steve. Você o conheceu na igreja!
STEVE: Steve Heidebrecht.
VIOLET: Hide o que?
STEVE: Heidebrecht.
VIOLET: Hide-a-burrr. É alemão.
STEVE: É alemão-irlandês, na verdade.
VIOLET: É estranho, Karen, trazer o namorado para o funeral do seu pai. Eu sei que a poesia era boa, mas não a consideraria assunto de namoro.
KAREN: Ele não é meu namorado, ele é meu noivo! Vamos nos casar no Ano Novo em Miami! E eu adoraria se você pudesse ir.
VIOLET: Não acho que isso vá acontecer. Você acha? Steve? Certo? Steve?
STEVE: Sim, senhora.
VIOLET: Você já foi casado antes?
STEVE: Sim, senhora, já fui.
VIOLET: Mais de uma vez?
STEVE: Três vezes, na verdade, três vezes antes dessa.
VIOLET: Então deve entender bastante do assunto agora.
STEVE: Certo. Certo.
VIOLET: Eu o peguei, não foi? Olhe pra ele! Está na cara que já foi casado!

(Violet deixa Steve sem graça e começa outro assunto com as filhas.)
VIOLET: Vocês sabem que há um testamento. Cuidamos disso um tempo atrás.
BARBARA: Mãe, nós não queremos falar sobre isso.
VIOLET: Eu quero falar sobre isso! E se eu quiser falar sobre isso? Isso tem algum valor?
Bev fez bons investimentos, acreditem ou não. Deixamos dinheiro pra vocês neste testamento, mas nós conversamos sobre isso depois de algum tempo e decidimos mudar e deixar tudo para mim. Não tivemos tempo de fazer tudo legalmente, mas vocês devem saber que ele queria deixar o dinheiro pra mim. Tudo bem?
(Barbara sorri e as três filhas concordam.)
VIOLET: Mas alguns desses móveis, essas coisas velhas, vocês podem levar. Eu não quero. Não tenho utilidade para eles. Talvez eu devesse fazer um leilão.
MATTIE FAE: Claro, um leilão é uma boa idéia.
VIOLET: Algumas coisas, como a prataria, devem valer um bom dinheiro. Mas posso vender pra vocês, se vocês quiserem. Por menos do que eu conseguiria em um leilão.

BARBARA: Ou talvez nunca os coloque em um leilão, e poderemos tê-los de graça depois que você morrer.

IVY: Barbara...

VIOLET: Talvez tenha razão.

(Pequeno Charlie, percebe que o assunto morreu e volta a falar da poesia)

PEQUENO CHARLIE: Bill, eu estava pensando, você lendo aqueles poemas... qual deles você escolheu para ler?

(Violet faz questão de ignorar a conversa dos dois e interrompe.)

VIOLET: Bill, onde você está morando agora? Você quer este velho aparador?

BILL: Desculpe?

VIOLET: Você e Barbara estão separados, não? Ou vocês já se divorciaram?

BILL: Não, estamos separados.

(Todos se surpreendem com a notícia)

VIOLET: Pensou que pudesse esconder isso de mim, não é? Ninguém esconde nada de mim. Eu entendo do assunto. Seu pai achava que podia esconder as coisas de mim.

BARBARA (para Violet): Qual é o seu problema?

VIOLET: Sinto muito que estejam tendo problemas, talvez vocês possam resolver. Bev e eu nos separamos algumas vezes. Claro que não chamávamos assim.

BARBARA: Ajude-nos. Com um exemplo do seu casamento de contos de fadas.

VIOLET: A verdade é que você não pode competir com uma mulher mais jovem. É apenas uma das coisas injustas da vida. Há uma mulher mais jovem envolvida?

BARBARA (para Bill): Você já falou demais.

BILL: Sim. Há uma mulher mais jovem.

VIOLET: Viu? As chances estão contra você, querida.

IVY: Mamãe acha que as mulheres deixam de ser atraentes com a idade.

KAREN: Eu discordo, eu acho...

VIOLET: Não! Eu não disse que elas deixam de ser atraentes, eu disse que elas ficam feias! E não é uma questão de opinião, Karen, querida. Você mesma já começou a saber o que é isso.

CHARLIE: Você está em plena forma hoje, Vi!

VIOLET: O dia exige, não é mesmo? De que forma acha que estou?

CHARLIE: Só não entendo porque está tão amarga.

VIOLET: Estou apenas dizendo a verdade. Algumas pessoas ficam contrariadas com a verdade.

CHARLIE: Todos aqui te amam, querida.

VIOLET: Acha que pode me envergonhar, Charlie? Vá se danar!

(Charlie se cala e Barbara se irrita)

BARBARA: Três dias atrás eu tive que identificar o corpo do meu pai. Agora tenho que sentar aqui e ouvir você atacar ferozmente cada membro desta família!

VIOLET: Atacar a minha família? Você alguma vez já foi atacada em sua vida agradável e mimada? Conte a ela sobre ataques, Mattie Fae. Diga a ela como é um ataque!

IVY: Acalme-se mãe.

VIOLET: Não peça pra eu me acalmar, droga! Eu não sou uma inválida! Devo ser respeitada agora. Eu passei dos limites? Esta mulher (se referindo a Mattie Fae) veio em meu socorro, quando um dos muitos homens amigos da minha mãe estava me atacando com um martelo! Esse mulher tem depressões no crânio pelas marteladas. O que você sabe sobre ataques? O que você sabe sobre a vida nessas planícies? O que você sabe sobre tempos difíceis?

BARBARA: Sabemos que você teve uma infância difícil, mamãe. Quem não teve?

VIOLET: Você não sabe! Você não sabe! Nenhum de vocês sabe! Nenhum de vocês sabe, exceto esta mulher aqui. E aquele homem que enterramos hoje! Doce menina. Doce Barbara. Meu coração se partia a cada vez que você sentia dor. Gostaria de tê-la protegido. Mas se você pensa que pode imaginar por um único segundo a dor que aquele homem sofreu na vida dele, você pensaria diferente. Você sabe onde seu pai viveu dos quatro aos dez anos de idade? Sabe? Vocês sabem? Em um Pontiac sedã. Com a mãe e o pai em um carro! Seis malditos anos em um carro! O que você quer dizer sobre a sua infância infeliz? Esse é o ponto crucial! Vivíamos penosamente! Depois melhorou muito. Nós sacrificamos tudo! Fizemos tudo por vocês. Seu pai e eu fomos os primeiros nas nossas famílias a terminar o ensino médio. E ele se tornou um poeta premiado. Vocês tiveram uma educação universitária, tida como certa, sem dúvida. Onde vocês chegaram? O que você fez? O que vocês fizeram? Quem são vocês? Meu Deus do céu! Trabalharam tão duro quanto nós? Vocês tiveram tudo! Vocês nunca tiveram problemas reais! Vocês tiveram que criar seus próprios problemas!

BARBARA: Porque você está gritando com a gente?

VIOLET: É hora de dizermos umas verdades por aqui. Um ótimo dia para dizer a verdade.

CHARLIE: A verdade é que... estou ficando satisfeito.

(Todos se calam e Bárbara, já muito irritada, começa a atacar a mãe)

BARBARA: Você é uma viciada em drogas. Essa é a verdade!

(Violet ri)

VIOLET: Essa é a verdade! Era onde eu queria chegar! Ei, pessoal, ouçam todos: Eu sou uma viciada em drogas! Eu adoro drogas! Especialmente, pílulas, especialmente tranquilizantes! Estão vendo estas azuis? São as minhas melhores amigas. E nunca me decepcionam. Tente tirá-las de mim, e eu te como viva!

BARBARA: Me dê essas malditas pílulas!

VIOLET: Vou te comer viva, menina!

(Barbara avança sobre Violet, tentando pegar as pílulas, e as duas acabam no chão, tendo que ser separadas pelos homens)

BARBARA: Me dá isso! Maldita seja! Muito bem! Caça às pílulas! Lembram disso? Lembram como foi? Vamos procurar em cada lugar! Cada armário, cada gaveta, cada caixa de sapatos.

VIOLET: Não faça isso! É a minha casa! Esta é a minha casa!

BARBARA: Você não entendeu, não é? Você não entendeu. Eu comando as coisas agora!

Violet havia sido internada em uma clínica de reabilitação uma vez, por conta das suas pílulas. As filhas haviam retirado todas as pílulas que existiam em casa, mas aos poucos a mãe voltou a ficar viciada novamente. Elas repetem o processo: jogam fora todas as pílulas que encontram e, no dia seguinte, levam a mãe ao médico, para saber então quais providências devem tomar. Na volta para casa, Barbara pede desculpas à mãe pelo que havia ocorrido no dia anterior.

BARBARA: Me desculpa.

VIOLET: Querida, por favor.

BARBARA: É importante eu dizer isso. Perdi o controle no jantar e fui longe demais.

VIOLET: Barbra! O dia, o funeral... Os remédios... Eu estava pedindo uma briga e você me deu uma.
 BARBARA: Então... trégua?
 VIOLET: Trégua, querida. Sim, claro!
 BARBARA: E agora?
 VIOLET: Como assim?
 BARBARA: Não acha que deveria considerar voltar para um centro de reabilitação?
 VIOLET: Não posso passar por aquilo de novo. Eu consigo. Você pegou as minhas pílulas, certo?
 BARBARA: Todas as que eu consegui achar.
 VIOLET: Eu não tenho muitos esconderijos.
 BARBARA: Mãe! Qual é!
 VIOLET: Você quer me revistar?
 BARBARA: Não.
 VIOLET: Se os remédios se foram, eu vou ficar bem. Só preciso de uns dias para me estabilizar.
 BARBARA: Quero que você saiba que você não está sozinha. Se precisar de ajuda...
 VIOLET: Não preciso de ajuda.
 BARBARA: Eu quero ajudar.
 VIOLET: Não preciso da sua ajuda.
 BARBARA: Mãe.
 VIOLET: Eu não preciso da sua ajuda. Já passei por isso. Sei como funciona. Depois de toda a conversa as pessoas voltam para os seus próprios problemas. Eu sei disso, então não se preocupe comigo. Vou me virar. Vou dar conta.

Mais tarde, Barbara, Ivy e Karen conversam fora de casa, tomando um vinho. Aqui é possível perceber como se dá o relacionamento entre as irmãs.

BARBARA: Lembram-se do que ela fez quando a internamos no hospício?
 IVY: Um grande discurso sobre ficar limpa, fazer um sacrifício para a família, que nos decepcionou, mas provaria ser uma boa mãe.
 BARBARA: Ela contrabandeou Darvocet para dentro do hospício. Dentro da vagina dela.
 KAREN: Eu nunca ouvi essa história!
 [...]
 KAREN: Uma coisa sobre mamãe e papai: Você precisa tirar o chapéu para quem fica casado por tanto tempo.
 (Ivy ri)
 IVY: Karen. Ele se matou.
 (Karen se surpreende)
 KAREN: Não temos certeza disso.
 (Barbara muda o assunto e questiona Ivy sobre sua relação com o primo)
 BARBARA: Tem algo rolando entre você e o Pequeno Charles?
 IVY: Não sei se me sinto confortável para falar disso.
 BARBARA: Porque ele é seu primo.
 IVY: Dá um tempo.
 KAREN: Vocês não deviam pensar em ter filhos.
 IVY: Não posso ter. Fiz histerectomia no ano passado.
 BARBARA: Como é?
 IVY: Câncer cervical.
 KAREN: Eu não sabia!
 BARBARA: Nem eu.
 IVY: Não contei a ninguém, exceto ao Charles. Foi quando tudo começou entre nós.
 BARBARA: Porque não?

IVY: E a mamãe me encher o saco pro resto da vida? Ela não precisa de outra desculpa para me tratar como algo danificado.

BARBARA: Você podia ter nos contado.

IVY: Você não nos contou sobre você e o Bill.

BARBARA: É diferente.

IVY: Por quê? Porque é você e não eu?

BARBARA: Porque divórcio é uma admissão pública de derrota. Câncer é câncer. Não dá pra evitar. Nós somos suas irmãs!

IVY: Eu não sinto muito esta ligação.

KAREN: Eu me sinto muito conectada a vocês duas.

IVY: Nós nunca te vemos. Você nunca está aqui! Nunca esteve por perto.

KAREN: Ainda sinto esta ligação.

IVY: Não posso mais perpetuar esses mitos de família e irmandade. Somos pessoas, umas conectadas com as outras acidentalmente pela genética, uma seleção randômica de células.

BARBARA: Quando você ficou tão cínica?

IVY: Isso é engraçado, vindo de você.

BARBARA: Amarga, tudo bem. Mas "seleção randômica de células"?

IVY: Talvez meu cinismo tenha vindo quando vi que a responsabilidade de cuidar de nossos pais era somente minha.

BARBARA: Não me venha com essa. Eu participei.

IVY: Até que você casou e se mandou. Você e Karen. Não estou criticando. Façam o que quiserem. Você fez. Karen Fez.

BARBARA: Se você não fez, não é culpa minha.

IVY: Verdade. Então não me venha com esse papo de irmãs, ok? Quando eu for embora, não sentirei mais culpa do que vocês sentiram.

KAREN: Não acredito que a sua visão do mundo seja tão sombria.

(Ivy ri)

IVY: Você mora na Flórida!

BARBARA: Está pensando em ir embora?

IVY: Estou. Charles e eu vamos para Nova York.

BARBARA: O que você vai fazer em Nova York?

IVY: Nós temos planos.

BARBARA: Como o quê?

IVY: Não é da sua conta.

BARBARA: E a mamãe?

IVY: O que tem ela?

BARBARA: Sente-se bem deixando-a aqui?

IVY: Você se sente?

(Bárbara se cala)

IVY para Karen: Você vai voltar para Miami, certo?

KAREN: Vou. Não posso ficar.

IVY: Aí está, Barb. Sabe o que faremos sobre a mamãe? Karen e eu vamos embora. Se quiser ficar, a decisão é sua. Mas ninguém pode me cobrar de nada. Ninguém.

Elas voltam pra casa e encontram Violet, sentada na porta. Violet conta uma pequena história que mostra como era a relação que ela tinha com a sua mãe.

VIOLET: Eu já contei a história de Raymond Qualls? Um garoto de quem gostei quando tinha uns 13 anos. Garoto com cara de mau. Jeans rasgado, cabelo bagunçado. Dentes desalinhados. Mas ele tinha um lindo par de botas de caubói, de couro chocolate, brilhante. Ele tinha muito orgulho daquelas botas. Era visível. Ele andava estufado, vaidoso. E eu me convenci de que precisava de um par de botas femininas. Tinha certeza de que, fazendo isso, ele me pediria em namoro. Me veria com as botas e diria: "essa é a garota para mim". Então eu achei as botas em uma loja no centro e fiquei enlouquecida! Desejando as botas, imaginando a conversa com

Raymond quando ele me visse com elas. Pedi cem vezes à minha mãe aquelas botas. “Vi, o que você quer de natal?” “Mamãe, eu desisto de tudo por aquelas botas!” Barganhando. Então ela começou a dar dicas sobre uma caixa debaixo da árvore. Ela fez um pacote do tamanho de uma caixa de bota com um papel bem bonito. “Vi, não trapaceie e abra a caixa antes da manhã de natal.” Na manhã de natal eu acordei e saí correndo. E destruí aquele papel debaixo da árvore. Tinha botas lá dentro. Botas de trabalho masculinas. Buracos nos dedos, cadarços puídos. Envoltas em lama. Minha mãe riu por dias.

BARBARA: Por favor, não me diga que isto é o fim da história.

VIOLET: É. Este é o fim da história.

KAREN: Você nunca ganhou as botas?

VIOLET: Não. Minha mãe era uma velha diabólica. Acho que herdei isso dela.

KAREN: Você não é diabólica. Você é nossa mãe e nós te amamos.

No dia seguinte, Mattie Fae vê o pequeno Charles com Ivy e começa a agredi-lo verbalmente. Charlie intervém e dá a ela um ultimato em relação a isso.

CHARLIE: Mattie Fae, vamos entrar no carro e ir pra casa. E se você disser mais uma coisa cruel para este garoto, eu vou chutar a sua bunda irlandesa até a estrada!

MATTIE FAE: O que foi que você disse?

CHARLIE: Não entendo essa maldade! Olho pra você e para a sua irmã, e a forma como vocês falam com as pessoas, e eu não entendo. Não entendo porque as pessoas não podem ser respeitadas. Acho que não tem desculpa para isso. Minha família não se tratava assim.

MATTIE FAE: É porque a sua família...

CHARLIE: É melhor você não falar nada sobre a minha família agora. É sério! Acabamos de enterrar um homem a quem eu amava muito. Independentemente das falhas que ele possa ter tido, ele era um homem bom e decente. E ouvir você atacar o seu próprio filho em seguida, é desonrar a memória do Beverly. Nós estamos casados há 38 anos e eu não os trocaria por nada. Mas se não pode encontrar um lugar nesse seu generoso coração para o seu próprio filho, não vamos chegar aos 39!

Após essa discussão, Mattie Fae conversa com Barbara a respeito da relação de Ivy e Charles. Barbara confirma que eles estão namorando e diz que a família vai ter que se acostumar com a ideia. Mattie Fae então conta o segredo que vem guardando há 37 anos:

MATTIE FAE: Eles não são primos. Pequeno Charles não é seu primo. Ele é seu irmão. Ele é seu irmão de sangue. Meio irmão. Ele é filho do seu pai. Ou seja, ele é irmão da Ivy. Entende?

BARBARA: Você e o papai. Quem sabe disso?

MATTIE FAE: Eu. E agora você.

BARBARA: O tio Charlie não suspeita?

MATTIE FAE: Nunca falamos sobre isso, ok?

BARBARA: Meu papai sabia?

MATTIE FAE: Sim. Não tenho orgulho disso.

BARBARA: Sério? Vocês me impressionam. Você estava bêbada? Foi um...

MATTIE FAE: Eu não estava bêbada. Deve ser difícil acreditar olhando pra mim, me conhecendo por todos esses anos. Sei que pra você sou a gorda da tia Mattie Fae. Sou mais que isso, querida. Eu tenho mais do que isso. Não sei porque o pequeno Charles é uma decepção tão grande para mim. Talvez ele... Bom, não sei o porquê. Estou desapontada por ele mais do que qualquer coisa. Eu cometi um erro, há muito tempo atrás. Eu paguei por ele. Mas o erro acaba aqui.

Mattie Fae então encarrega Barbara de acabar com a relação de Ivy com o pequeno Charles e sem contar a ninguém que eles são irmãos. Barbara não diz nada e assume a responsabilidade em relação ao segredo. Mattie Fae, Charlie e o pequeno Charles vão embora.

No fim do dia, depois que todos já estão dormindo, Johnna ouve uma conversa do lado de fora da casa e ouve Steve, o noivo de Karen, pedindo a Jean que mostre os seios a ele. Eles estavam fumando maconha e ele tenta usar o momento para se aproveitar da adolescente. Ela começa a protestar quando Johnna chega e começa a bater nele com uma pá. Todos acordam e vão ver o que aconteceu.

BARBARA: Johnna, o que está acontecendo?
 JOHNNNA: Ele estava mexendo com a Jean, então eu o impedi.
 BILL: Como assim 'mexendo'?
 JOHNNNA: Ele estava beijando e agarrando ela.
 BARBARA para Steve: Eu vou matar você, seu babaca! Sabe quantos anos essa menina tem? Ela só tem 14 anos!
 KAREN: Dá um tempo, Barbara!
 STEVE: Ela disse que tinha 15 anos!
 BILL: Você está louco?
 BARBARA: O filho da puta é um sociopata!
 (Karen e Steve entram em casa para cuidar dos ferimentos)
 JEAN: Qual é o problema de vocês? Podem parar de surtar?
 BILL: Por que não começa pelo começo?
 BARBARA: O que faz acordada?
 BILL: Querida, precisamos saber o que houve aqui.
 JEAN: Não houve nada! Nada! Está bem? Podemos não fazer de tudo um caso de polícia? Desci, fumei um baseado, só um pouco de baseado. Estávamos brincando e daí tudo ficou meio louco.
 BARBARA: O que eu te falei sobre drogas?
 BILL: Johnna atacou ele por nada? Diga-me o que ele fez!
 JEAN: Nada aconteceu! Ele não fez nada! Qual é o problema?
 BILL: O problema, Jean, é que você tem 14 anos de idade!
 JEAN: Uns anos mais nova do que você gosta!
 (Barbara dá um tapa no rosto de Jean)
 JEAN: Eu odeio vocês!
 BILL para Barbara: Qual é o problema com você?

Jean e Bill entram em casa e Barbara vai falar com Karen. Ela está arrumando as coisas e Steve está no carro esperando para ir embora.

KAREN: Não preciso de um sermão. Eu e Steve estamos voltando para a Flórida. Juntos. Melhor você descobrir com a Jean exatamente o que houve antes de começar a acusa-lo. Porque eu duvido que a Jean seja inocente. Não estou querendo culpa-la. Só porque ela não é inocente não quer dizer que eu a culpe. Só estou dizendo que ela podia compartilhar a responsabilidade. Não é preto e branco. Isto está, como todo o resto, em um meio termo. Onde todos nós vivemos. Todos nós menos você. Eu mesma não sou um anjo. Já fiz coisas das quais não me orgulho. Coisas que você nunca vai saber. E posso ter que fazer coisas assim de novo. Porque... às vezes a vida nos coloca contra a parede. Enfim, você tem os seus próprios problemas para resolver antes de começar a dar sermões para os outros. E, em janeiro, estarei em Belize. Isso não parece ótimo?

Eles vão embora e Bill vai dizer a Barbara que ele e Jean vão embora pela manhã.

BARBARA: Você nunca vai voltar para mim não é Bill?

BILL: Nunca diga nunca.

BARBARA: Mas não vai.

BARBARA: E eu provavelmente nunca vou entender o por que, vou?

BILL: Provavelmente não.

Na manhã seguinte Bill e Jean vão embora e Ivy chega para contar para a mãe que está namorando com Charles e que eles vão embora para Nova York. Barbara diz a ela que não deve contar, mas ela ignora seus pedidos. Barbara impede a conversa de Ivy com a mãe, falando coisas desconexas, numa tentativa desesperada de ter o controle da situação.

IVY: Mãe, eu tenho algo a dizer.

BARBARA: Eu também tenho algo a dizer!

IVY: Charles e eu...

BARBARA: Johnna tem uma sujeira aqui!

IVY: Charles e eu...

BARBARA: Johnna!

IVY: Barbara, pare com isso!

IVY: Mãe, Charles e eu...

BARBARA: Pequeno Charles.

IVY: Barbara...

BARBARA: Tem que dizer "Pequeno Charles" ou ela não vai saber de quem você está falando.

IVY: Mãe, Pequeno Charles e eu...

VIOLET: Pequeno Charles e você são irmãos. Eu sei disso.

IVY: O que? Não. Escuta.

VIOLET: Eu sempre soube disso. Eu te disse. Ninguém esconde nada de mim. Eu sabia o tempo todo que Bev e Mattie Fae tinham um caso. Charlie também deveria saber se não fumasse tanta erva.

BARBARA: São as pílulas falando.

VIOLET: Pílulas não podem falar! Seu pai se torturou por isso por trinta e tantos anos, mas o Beverly não seria o Beverly se ele não tivesse coisas para remoer.

IVY: Mãe, do que você está falando?

VIOLET: Melhor vocês saberem agora, vocês estão crescidas. Nunca se sabe quando alguém pode precisar de um rim.

IVY: Por que, em nome de Deus, você está me dizendo isso agora?

VIOLET: E por que você se importa?

IVY: Vocês são monstros!

Barbara tenta impedir Ivy de ir, e se justifica dizendo que só soube ontem e que a culpa não era dela. Ivy diz que vai para Nova York assim mesmo e diz que não há diferença entre ela e a mãe. Ivy vai embora e Barbara volta pra casa e encontra a mãe. Violet diz que não podia deixar Ivy ir embora com o pequeno Charles sem saber disso. Barbara se surpreende por ela saber do relacionamento dos dois e ainda assim dizer a verdade.

VIOLET: Ela vai voltar. A Ivy é uma menina doce, e eu a amo, mas...Ela não é forte. Não como você. Ou eu.

BARBARA: Você sempre soube sobre papai e Mattie Fae?

VIOLET: Claro! Mas eu nunca disse a eles que sabia. O seu pai sabia. Ele sabia que eu sabia. Mas nunca conversamos sobre isso. Eu optei por ser superior. Se eu tivesse a chance, lá no final, eu teria dito a ele: "Eu espero que isso não seja por causa do pequeno Charles, porque você sabe que eu sei de tudo." Se eu tivesse falado com ele naquele motel, teria dito: "Você estaria melhor se parasse de se martirizar com essa história antiga."

BARBARA: Que motel?

VIOLET: Liguei pra lá na segunda feira, depois que fui no cofre, mas era tarde demais. Ele já tinha ido embora.

BARBARA: Como você sabia onde ele estava?

VIOLET: O bilhete. Ele disse que eu podia ligar pra ele no Motel.

BARBARA: Ele deixou um bilhete?

VIOLET: E eu liguei pra lá na segunda feira!

BARBARA: Depois que você pegou o seu dinheiro no cofre.

VIOLET: Nós tínhamos um acordo. Você precisa entender que para pessoas como seu pai e eu, que nunca tiveram dinheiro quando crianças, para pessoas da nossa geração, aquele dinheiro é importante!

BARBARA: Se você pudesse ter impedido o papai de se matar, você não precisaria ter ido naquele cofre.

VIOLET: É fácil falar depois que aconteceu, não é?

BARBARA: O bilhete dizia que ele ia se matar?

(Violet suspira)

BARBARA: Mãe?

VIOLET: Se eu estivesse com a cabeça no lugar, talvez tivesse feito diferente, mas eu estava... Seu pai e eu estávamos...

BARBARA: Vocês dois estavam destruídos. Vocês dois estavam destruídos. Você está destruída.

VIOLET: Escute uma coisa, sua presunçosa ingrata: Há pelo menos uma razão para o Beverly ter se matado e é você! Acha que ele teria feito o que fez se você ainda estivesse aqui? Não! Apenas ele e eu, nessa casa, sozinhos, abandonados, vidas desperdiçadas, dedicados ao seu cuidado e conforto. Sim, seja cruel. Me julgue, vá em frente, mas não se engane: o sangue dele está tanto nas suas mãos quanto nas minhas. Mas foi ele quem fez isso. Foi ele quem fez e não nós. Você pode imaginar algo mais cruel para me responsabilizar? Por quê? Só pra me enfraquecer e fazer provar o meu caráter? Você quer mostrar quem é mais forte, Bev? Ninguém é mais forte do que eu! Quando não houver mais nada, quando tudo se for e desaparecer, eu estarei aqui!

BARBARA: Você tem razão, mãe. Você é a mais forte.

Barbara dá um abraço na mãe, pega suas coisas e vai embora. Violet chama por ela, chama o Bev, chama suas filhas e, no fim, chama Johnna, que está lá, esperando para cuidar de Violet, conforme a orientação que recebeu de Beverly. Violet se refugia em Johnna e todos, longe dela, voltam a seguir o curso de suas vidas.

3 REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DE WINNICOTT

Ao falar sobre o desenvolvimento emocional, Winnicott (1958a/2013) deixa claro que está supondo que a criança seja sadia de corpo e potencialmente sadia na mente. Está supondo também que exista uma mãe que seja sadia o suficiente para comportar-se naturalmente como mãe, com seus acertos e falhas. Winnicott trabalha com um ‘ambiente suficientemente bom’ para o desenvolvimento das potencialidades da criança. Porém, assim como existe o ambiente suficientemente bom, que possibilita o bebê a alcançar, a cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes, existe também algo chamado ‘ambiente não suficientemente bom’ que distorce o desenvolvimento do bebê. (WINNICOTT, 1956a/2000)

É a partir dessas noções de ambiente suficiente e não suficientemente bom que será analisado o filme ‘Álbum de família’. Na família que o filme retrata é possível notar algumas dificuldades que os seus membros podem ter enfrentado à época de seu desenvolvimento.

O filme mostra apenas o relacionamento da família no período de alguns dias, e não dá muitos detalhes a respeito do passado. A proposta então é analisar cada um dos membros desta família, e suas relações, a partir dos poucos dados apresentados.

A família apresentada tem uma estrutura matriarcal, onde os homens atuam como coadjuvantes durante toda a história. Violet e Mattie Fae foram criadas apenas pela mãe, e esta viveu rodeada de ‘vários companheiros’. Nas situações onde esta mãe é apresentada, ela parece ser indiferente em relação às filhas e aceita que as elas sejam mal tratadas. Winnicott afirma que o processo de

desenvolvimento é retardado pelas reações aos maus tratos. “Os maus tratos contribuem para um sentimento geral de insegurança, e fragmentam a linha contínua que é a criança.” (WINNICOTT, 1968/2006, p.55)

As duas irmãs crescem e constituem então suas próprias famílias. Violet se casa com Beverly, com quem tem três filhas e Mattie Fae se casa com Charlie, com quem tem um filho. As duas famílias vivem relativamente próximas, e tem muitas coisas em comum, apesar de pouco se encontrarem.

Para Winnicott (1958c/2013), a contribuição que os pais podem dar à família que estão construindo depende em grande medida de seu relacionamento geral com o círculo mais amplo que os envolve, ou seja, seu contexto social imediato. A existência da família e a preservação de uma atmosfera familiar resultam do relacionamento entre os pais no seu contexto social.

Desde a juventude, Beverly é alcoólatra, Charlie fuma maconha e Violet é viciada em pílulas. As famílias foram construídas apesar disso e convivendo com isso. Ao considerar as dificuldades dos pais, é sempre bom lembrar que o casamento e a constituição de uma família nem sempre são sinal de maturidade parental. Cada membro da comunidade adulta está em processo de crescimento, e permanecerá assim ao longo de toda a sua vida. (WINNICOTT, 1958c/2013)

Na criação das filhas, Beverly e Violet demonstram claramente o que Winnicott diz a respeito de irmãos que são tão diferentes que não parecem terem sido criados pelos mesmos pais:

Não seria possível entender a atitude dos pais relativa a seus filhos sem considerar o significado de cada criança em termos da fantasia consciente e inconsciente dos pais em torno do ato que produziu a concepção. Os pais têm sentimentos muito diferentes, e agem de modo diferente, em relação a cada um dos filhos. Muito disso depende do relacionamento dos pais na

época da concepção, durante a gravidez, quando do nascimento e depois. A gravidez pode ter efeitos vários sobre o marido; em alguns casos extremos, este desapega-se da mulher quando ela fica grávida; por vezes, ele se aproxima mais dela. Em todos os casos ocorre uma alteração no relacionamento entre os pais, alteração essa que, amiúde, assume a forma de um grande enriquecimento e um aprofundamento do sentido de responsabilidade de um para com o outro. Muitos julgam incompreensível que os irmãos sejam tão diferentes entre si, quando têm os mesmos pais e foram criados num mesmo lar. Essa concepção não leva em conta toda a elaboração imaginativa da importante função do sexo, e não considera o modo específico pelo qual cada criança vem se encaixar, ou não, num certo contexto imaginativo e emocional, contexto esse que nunca é duas vezes o mesmo, por mais que todo o ambiente físico restante não sofra mudanças. (WINNICOTT, 1958c/2013, p.63)

Além das três filhas serem muito diferentes entre si, a relação de Violet com cada uma delas também é bem diferente. Com Barbara ela tem uma relação ‘de igual pra igual’, e é a única filha a quem Violet respeita. Ao se referir a Barbara, Violet diz que ela é forte e que é a única com condições de ajuda-la, apesar de ser Ivy quem realmente cuida da mãe. Violet sempre que pode deprecia Ivy, deixando claro que ela só está ali porque não teve condições de encontrar um homem decente e se casar. Para Ivy, a mãe a trata como ‘algo danificado’. Já com Karen, Violet praticamente não se relaciona. Ela ignora a filha o tempo todo, não se referindo a ela praticamente em nenhum momento. Pode-se notar uma relação ‘decrecente’ de Violet com as filhas. Parece que, aos poucos, ela foi se desfazendo do seu papel de mãe, não conseguindo suportar a chegada das filhas.

O relacionamento de Violet com as três filhas é muito diferente porém, uma coisa fica clara: ela se despedaça, mas tenta amar. São relacionamentos extremamente ambivalentes, onde amor e ódio se misturam. Nessa ambivalência, as filhas não conseguem se separar. Por mais longe que estejam, não se separam da mãe.

Winnicott diz que muitas vezes, os pais são capazes de atender às expectativas de seus filhos melhor do que o fizeram os seus próprios pais. “Há

aqui um perigo, porém: quando os pais de algum modo superam os próprios pais, passam inevitavelmente a lamentar a própria bondade, e de fato tendem a interromper aquilo que estão fazendo com tanta eficiência.” (WINNICOTT, 1958c/2013, p.70)

Karen, a caçula, pode ter tido dificuldades em seu desenvolvimento por não ter encontrado uma mãe suficientemente boa que viesse em seu auxílio quando bebê. Só na presença dessa mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real.

Winnicott (1968/2006) coloca que no início, é o ato físico de segurar a estrutura física do bebê que vai resultar em circunstâncias satisfatórias ou desfavoráveis em termos psicológicos. Segurar e manipular bem uma criança facilita os processos de maturação. E segurá-la mal significa uma incessante interrupção desses processos, devido às reações do bebê às quebras de adaptação.

Neste contexto, facilitação significa a existência de adaptação às necessidades básicas, e isto é algo que só pode ser feito por um ser humano. A mãe humana pode adaptar-se às necessidades de seu bebê neste estágio inicial, pois neste período ela não tem nenhum outro interesse. A maioria dos bebês tem a sorte de serem bem segurados na maior parte do tempo. A partir daí, eles adquirem confiança em um mundo amigável, mas, o que é ainda mais importante, por terem sido segurados suficientemente bem, tornam-se capazes de atravessar bem todas as fases de seu desenvolvimento emocional muito rápido. Os cuidados com as crianças giram em torno do termo ‘segurar’, principalmente se permitirmos que o seu significado se amplie à medida que o bebê cresce e que seu mundo vai se tornando mais complexo.

Se esse 'segurar' não for bom o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o self verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso self que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo. (WINNICOTT, 1960/2013)

Karen é muito frágil e vulnerável. Ela parece ter construído um mundo ideal em torno de si e aceita qualquer imposição externa para que seu ideal não se perca. Ela admite traições dos homens com quem se relaciona, nega o suicídio do pai e fantasia uma relação íntima com as irmãs. Sua estrutura não é forte o suficiente para lidar com as duras verdades que a realidade lhe apresenta.

Para Winnicott (1958a/2013) a visão que a criança tem do mundo exterior ao self baseia-se em grande medida no padrão da realidade pessoal interna; cumpre fazer notar que o comportamento real do ambiente em relação a uma criança é até certo ponto afetado pelas expectativas positivas e negativas da própria criança.

Ivy se apresenta como um adulto mais bem estruturado. Ela certamente teve algum cuidado materno, mas talvez a atenção recebida não tenha sido suficiente para completar o processo de personalização, que é o sentimento que o bebê tem de habitar o próprio corpo. A existência de um grau razoável de adaptação das necessidades da criança é o que melhor possibilita o rápido estabelecimento de uma relação forte entre psique e soma. Havendo falhas nessa adaptação, surge uma tendência de a psique desenvolver uma existência fracamente relacionada à experiência corporal, acarretando como resultado que as frustrações físicas não sejam sentidas em toda a sua intensidade. (WINNICOTT, 1958a/2013)

Essa falha pode ser exemplificada pela reação de Ivy em relação ao seu câncer cervical. O tratamento foi agressivo e a levou a fazer uma histerectomia, mas

ela fala a respeito como se estivesse falando de algo externo a si. Ela não dividiu isso com ninguém da sua família, a não ser com o pequeno Charles.

Sua posição em relação à família é que vínculos de sangue não devem ter nenhuma relação com vínculos emocionais. Para Ivy, família é apenas “uma seleção randômica de células”. “Um grupo de pessoas, conectadas umas com as outras acidentalmente pela genética”. Essa posição em relação à família pode ser explicada por sua não personalização, mas também como uma forma de justificar seu relacionamento com o primo.

Pequeno Charles é um homem adulto que não consegue agir como um adulto. A necessidade de alguém para cuidar dele é constante. Ele também não parece ter tido um cuidado suficientemente bom. No caso dele, a ausência da mãe foi tamanha, que parece ter acontecido num momento de dependência absoluta do bebê, dificultando seu processo de integração da personalidade.

Winnicott (1958a/2013) postula que a integração manifesta-se gradualmente a partir de um estágio primário não integrado. No princípio, a criança se compõe de uma série de fases de mobilidade e percepções sensoriais. É fato quase certo que, para a criança, o repouso identifica-se à volta a um estado não integrado. A volta à não integração não é necessariamente fonte de medo para a criança, devido a um senso de segurança propiciado pela mãe. Tanto em nível físico como em níveis mais sutis, a mãe ou o ambiente conservam a criança como que unida a si mesma e a não integração e a reintegração podem processar-se sem ocasionar ansiedade. A um ano de idade, o grau de integração que pode ter sido atingido é bastante variável algumas crianças dessa idade já estão de posse de uma personalidade forte, um self cujas características pessoais são exageradas; outras,

no extremo oposto, não adquirem ao cabo de um ano uma personalidade tão definida, e continuam bastante dependentes de um cuidado contínuo.

Charles está buscando alguém que cuide dele, para compensar a ausência da mãe durante todo o seu desenvolvimento. Assim ele encontra Ivy, que substitui então o cuidado com os pais pelo cuidado com o primo.

É importante ter em mente que alguns pontos na vida do indivíduo relacionam-se em última instância com seu pai e sua mãe. A criança pode ter-se afastado dos pais na vida e na fantasia consciente, e pode ter tirado proveito disso. Não obstante, o inconsciente sempre retém o caminho de volta aos pais. Na fantasia inconsciente da criança, toda demanda remete-se fundamentalmente ao pai e à mãe. A criança aos poucos vai exigindo cada vez menos dos pais, mas isso se passa em nível da fantasia consciente. Na realidade, o afastamento só se dá em relação à figura externa dos pais. Esse fato constitui como que um cimento da família, pois as figuras reais da mãe e do pai permanecem vivas na realidade psíquica e interior de cada um de seus membros. (WINNICOTT, 1958d/2013)

Karen, Ivy podem ter nascido após a traição de Beverly com Mattie Fae. Isso explicaria o fato de que nem elas, nem Charles, tiveram acesso à mãe quando nasceram. Se a mãe não encontra apoio em seu marido ou de sua família durante seu estado de vulnerabilidade, ela pode não ter estrutura suficiente para cuidar do seu bebê. No caso de Violet, ela pode ter perdido o apoio do marido e da irmã no momento da traição.

Barbara parece ter tido um desenvolvimento emocional saudável, quando se trata do apoio materno básico que a criança precisa para se desenvolver. Ela conseguiu concluir o processo de evolução da dependência absoluta, através de graus decrescentes de dependência e até chegar à independência.

Barbara é o pilar da família: é a ela que todos recorrem e é também a ela que todos agridem quando não conseguem suportar suas fraquezas. Ela é dura, amarga e agressiva, mas ainda assim demonstra sua preocupação com as irmãs e com os pais. É ela quem lembra constantemente à família que eles estão reunidos porque Beverly morreu, e ela sofre com isso. Winnicott fala sobre a relação de um adulto saudável com o luto: “Uma criança ou um adulto amadurecidos têm um tipo de independência que se mescla, de uma forma feliz, a todos os tipos de necessidade, e ao amor, o que se torna evidente quando a perda provoca um estado de luto.” (WINNICOTT, 1970/2006, p.73)

Apesar de Barbara parecer ser uma pessoa saudável no meio do caos, ela tem algumas características que podem ser explicadas pelo ambiente em que ela cresceu. Uma dessas características é a extrema agressividade, que ela tem em comum com Violet e Mattie Fae. Para Winnicott (1968/2006), a agressão tem dois significados. Ela constitui uma reação à frustração, mas também é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. Essa característica tão clara em Barbara pode ser uma repetição da mãe.

Essa agressividade permeia também sua relação com Bill e Jean. Depois da traição, Bill justifica que não conseguiu ficar com Barbara porque sua dureza e agressividade superam as características boas que ela possui. E os problemas entre os dois começam a refletir no comportamento de Jean.

Jean tem quatorze anos e está vivendo os problemas característicos da adolescência. Winnicott (1960/2013) afirma que é característica da adolescência a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, e mesmo a coexistência dos dois extremos num mesmo momento. Porém, é mais saudável

quando a necessidade de ser rebelde se dá num contexto que confiadamente acolha também a dependência.

Winnicott descreve também a necessidade que o adolescente tem de testar os limites estabelecidos pelos pais:

Os adolescentes começam a encontrar em si próprios uma nova gama de sentimentos fortes e até amedrontadores, e desejam verificar se os controles externos ainda estão de pé. Mas, ao mesmo tempo, querem provar serem capazes de romper esses controles e estabelecer a si próprios como pessoas autônomas. As crianças sadias necessitam de quem lhes imponha um certo controle; mas os indivíduos que impõem a disciplina devem poder ser amados e odiados, desafiados e chamados a ajudar; os controles mecânicos não têm aí qualquer utilidade, e o medo não é o instrumento mais adequado para estimular a colaboração. É sempre um relacionamento vivo entre duas pessoas que abre espaço ao crescimento. Aos poucos, e com o tempo, o crescimento verdadeiro confere à criança ou ao adolescente um sentido adulto de responsabilidade, sobretudo daquela responsabilidade ligada à provisão de condições adequadas de segurança às crianças de uma geração mais nova. (WINNICOTT, 1962/2013, p.47)

Porém, além das ocupações e preocupações básicas da adolescência, Jean também já começou a usar drogas, fumando cigarro e maconha. Esses comportamentos podem demonstrar o desenvolvimento da tendência anti-social. A tendência anti-social caracteriza-se por um elemento que compele o ambiente a tornar-se importante. Devido a impulsos inconscientes, o adolescente obriga alguém a encarregar-se de cuidar dele. (WINNICOTT, 1956b/2000) Além disso, Winnicott (1958a/2013) diz que a perda da capacidade de ser afetivo é uma das características da “criança carente”, mais velha, a qual, do ponto de vista clínico, demonstra uma tendência anti-social e é potencial candidata à delinquência.

A tendência anti-social da criança carente é extremamente destrutiva para a vida familiar. A família é constantemente submetida à prova, e quando desincumbe-se dessa tarefa com êxito passa a constituir o alvo preferencial dos anseios destrutivos da criança. É como se a ela estivesse procurando algo que

valesse a pena destruir. Inconscientemente, a criança procura uma coisa boa que foi perdida numa data mais ou menos recuada, e que, por tê-la deixado, é o objeto de sua fúria. (WINNICOTT, 1958c/2013)

É na adolescência que Jean vai finalmente encontrar a forma em que vai se estabelecer na sociedade, e esse encontro de poucos dias com a sua família pode ser essencial para isso. A família é quem faz a transição da mãe para a sociedade, e é a partir desse padrão que nos colocamos no mundo. A vida social é em muitos aspectos uma extensão das funções da família.

Por fim, Winnicott (1958d/2013) diz que o adulto maduro é capaz de identificar-se a agrupamentos ou instituições sociais sem perder o sentido da continuidade pessoal e sem sacrificar em demasia seus impulsos espontâneos; isto é uma das raízes da criatividade. É função da família constituir o terreno sobre o qual se desenvolve na prática esse dado essencial do crescimento pessoal.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender a importância das relações familiares na constituição psíquica de um indivíduo. Quando a família se relaciona bem e cria um ambiente suficientemente bom, o desenvolvimento psíquico se dá de maneira gradual e natural. Porém, quando falhas são detectadas no estabelecimento deste ambiente, a criança pode sofrer algumas perdas no seu desenvolvimento.

Winnicott afirma que nenhuma dessas perdas é permanente e que, em análise, as falhas podem ser preenchidas, se o analista cumprir seu papel de analista suficientemente bom. Podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial.

Winnicott também diz que, apesar de todas as dificuldades que os pais e a família podem vir a enfrentar, ainda sim, eles são essenciais. Esta é uma ideia para ser enfatizada aqui. O oferecimento de um ambiente suficientemente bom é algo que não pode ser feito por pensamento, nem pode ser manejado mecanicamente. Só pode ser feito pelo manejo contínuo por um ser humano que se revele continuamente ele mesmo. “Não há questão de perfeição aqui. Perfeição pertence a máquinas; o que uma criança consegue é justamente aquilo que ela precisa: o cuidado e a atenção de alguém que é continuamente ela mesma.” (WINNICOTT, 1963/1983, p.83)

Apesar da ênfase de Winnicott na questão ambiental e na influência da família na constituição psíquica do sujeito, Winnicott também traz à reflexão o tripé família, indivíduo e ambiente, no qual ele afirma que, às vezes, mesmo em uma

família com traços esquizofrênicos e na presença de um ambiente que falha, um indivíduo pode se constituir de forma saudável. Ele chama a atenção para a capacidade do próprio sujeito em se constituir mesmo em um ambiente familiar conturbado ou traumático. Contudo, isso não foi observado no filme.

Outros assuntos relevantes para o estudo da família se apresentaram no filme, porém não puderam ser abordados nesse trabalho e ficam como sugestão para estudos posteriores, como por exemplo: o segredo que permeia as relações, a transgeracionalidade evidente na família e o câncer de boca do qual Violet sofre, entre outros. Aqui, o objetivo foi abordar apenas as questões relativas ao desenvolvimento emocional.

Por fim, cabe ressaltar a necessidade da atenção em relação ao ambiente, por parte dos psicanalistas. O presente estudo mostrou que o indivíduo não se desenvolve sozinho e mesmo depois de adulto, ele não resolve seus problemas sozinho. Portanto, ao tratar um paciente, em qualquer que seja a dificuldade apresentada, é preciso ter um olhar atento ao seu ambiente, e à sua relação com a família.

REFERÊNCIAS

JANUARIO, L.M. **Transferência e Espaço Potencial**: a relação analítica com crianças em estados autísticos e psicóticos. 2012. ix, 239f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

NASIO, J. D. (Org.). **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

OUTEIRAL, J. O. Prefácio à edição brasileira. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983, p. 9-12

WINNICOTT, D. W. As crianças e as outras pessoas. In: **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982, p. 116-124.

WINNICOTT, D. W. O primeiro ano de vida: Concepções modernas do desenvolvimento emocional. (1958a) In: **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 3-20.

WINNICOTT, D. W. Segurança. (1962) In: **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 43-48.

WINNICOTT, D. W. A criança de cinco anos. (1958b) In: **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 49-58.

WINNICOTT, D. W. Fatores de integração e desintegração na vida familiar. (1958c) In: **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 59-72.

WINNICOTT, D. W. Adolescência: Transpondo a zona das calmarias. (1960) In: **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 115-128.

WINNICOTT, D. W. Família e maturidade emocional. (1958d) In: **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 129-138.

WINNICOTT, D. W. Definição teórica do campo da psiquiatria infantil. (1957) In: **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 141-152.

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. (1956a) In: **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 399-405.

WINNICOTT, D. W. A tendência anti-social. (1956b) In: **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 406-416.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. (1963) In: **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983, p. 79-87.

WINNICOTT, D. W. O ambiente saudável na infância. (1968) In: **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 51-59.

WINNICOTT, D. W. A dependência nos cuidados infantis. (1970) In: **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 73-78.

ALBUM DE FAMÍLIA. Roteiro de Tracy Letts. Produção de George Clooney e Grant Heslov. Estados Unidos: Jean Doumanian Productions e The Weinstein Company, 2013. Brasil: Imagem Filmes, 2013. 1 DVD (130min.): son.,color.